

JANELA DA ALMA

De **João Jardim**

Brasil, 2002

Duração **73 minutos**

Quem assiste a um documentário espera aprofundar conhecimentos a respeito de determinado assunto. Já sabe que pessoas ligadas ao tema serão ouvidas, algumas cenas relacionadas exibidas e haverá alguma polêmica.

Mas o que se vê neste filme supera qualquer expectativa.

Este é o principal motivo do absoluto sucesso de público e das inúmeras premiações recebidas por essa produção cinematográfica.

O inesperado nos provoca o tempo todo e as declarações ultrapassam os comentários e atingem o campo confessional, provocando emoção e surpresa diante das abordagens, levando a conclusões que jamais nos ocorreram. A sutileza das imagens e da música emoldura estes momentos, tornando o filme inesquecível e encantador.

Nossos alunos, que tão poucas oportunidades têm de se ver diante de filmes questionadores e inteligentes, só terão a se beneficiar. A experiência certamente contribuirá para a sua formação enquanto indivíduos e oferecerá a chance de raciocinar e meditar a respeito das coisas da vida e da alma, que essa janela descortina com tanta propriedade.

ANTES DE ASSISTIR

**Converse
com seus alunos a
respeito do filme. Faça
um resumo da história,
comente as curiosidades
e chame atenção para os
aspectos a serem
observados.**



CURIOSIDADES

As filmagens foram realizadas em duas etapas: em novembro de 99 (Brasil e Europa), e abril de 2000 (Brasil e Estados Unidos).

O documentário Janela da Alma surgiu de uma indagação: como problemas de visão interferem na personalidade e na vida de cada um?

As 50 entrevistas foram registradas em 30 horas de película super 16mm. A parte mais difícil, reconhece João Jardim, foi a escolha do material. Até chegar ao corte final, foram consumidas 450 horas de edição.

O diretor João Jardim, que é portador de oito graus de miopia, dividiu o projeto com o fotógrafo Walter Carvalho, que tem sete graus e meio.

Somados esforços e miopias - quinze graus e meio no total - partiram para o trabalho de campo. Da ideia à primeira cópia, passaram-se cinco anos.

Após dois anos de ampla pesquisa sobre a visão, organizada por Renée Castelo Branco, João Jardim iniciou a escolha dos entrevistados que resultou em um total de 50 depoimentos.





O QUE DEVE SER OBSERVADO

Quem aparece no filme.

Onde ele é passado.

Qual o gênero do filme (comédia, drama, documentário)

Quais os recursos utilizados pela direção para abordar o tema.

Como o filme foi feito.

A HISTÓRIA

Dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual - da miopia discreta à cegueira total - falam como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo.

Celebridades como o prêmio Nobel José Saramago, o músico Hermeto Paschoal, o diretor Wim Wenders, o fotógrafo esloveno Evgen Bavcar, o neurologista Oliver Sachs e o vereador mineiro Arnaldo Godoy fazem revelações pessoais e inesperadas sobre vários aspectos relativos à visão: o funcionamento fisiológico do olho, o uso de óculos e suas implicações sobre a personalidade, o significado de ver ou não ver em um mundo saturado de imagens, e também a importância das emoções como elemento transformador da realidade - se é que ela é a mesma para todos. Imagens inusitadas, de árvores queimando ou do vazio do deserto, fazem a ligação entre os depoimentos que alternam densidade, humor, poesia.

Do registro do primeiro instante em que o recém-nascido Gabriel abre os olhos à investigação de vários caminhos e experiências ligadas à visão, Janela da Alma resulta em uma reflexão emocionada sobre o ato de “ver” - ou “não ver” - o mundo.



ENSINO MÉDIO

OBJETIVOS RELACIONADOS

As atividades sugeridas oferecem a possibilidade de integração com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação.

No caso deste filme, consideramos os seguintes objetivos relevantes e pertinentes:

Ciências Humanas

- Compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e a dos outros.
- Compreender a sociedade, sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana; a si mesmo como agente social; e aos processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.
- Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as às práticas dos diferentes grupos e atores sociais, aos princípios que regulam a convivência em sociedade, aos direitos e deveres da cidadania, à justiça e à distribuição dos benefícios econômicos.
- Traduzir os conhecimentos sobre a pessoa, a sociedade, a economia, as práticas sociais e culturais em condutas de indagação, análise, problematização e protagonismo diante de situações novas, problemas ou questões da vida pessoal,

social, política, econômica e cultural.

- Entender o impacto das tecnologias associadas às Ciências Humanas sobre sua vida pessoal, os processos de produção, o desenvolvimento do conhecimento e a vida social. *

Aplicar as tecnologias das Ciências Humanas e Sociais na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

Sociologia, Antropologia e Política

Representação e comunicação

- Identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade: as explicações das Ciências Sociais, amparadas nos vários paradigmas teóricos, e as do senso comum.
- Produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas.

Investigação e compreensão

- Construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais com os vários grupos sociais.
- Construir uma visão mais crítica da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, avaliando o papel ideológico do “marketing” enquanto estratégia de persuasão do consumidor e do próprio eleitor.

Contextualização sócio-cultural

- Construir a identidade social e política, de modo a viabilizar o exercício da cidadania plena, no contexto do Estado de Direito, atuando para que haja, efetivamente, uma reciprocidade de direitos e deveres entre o poder público e o cidadão e também entre os diferentes grupos

Filosofia

Representação e comunicação

- Ler textos filosóficos de modo significativo.
- Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.
- Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo.
- Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando

ATIVIDADES



Proponha que os alunos façam uma avaliação escrita do filme observando os seguintes aspectos:

- Qual o gênero do filme?
- Qual o assunto focado?
- Qual sua cena favorita? Por quê?
- Como acha que o filme foi feito?
- Situe o filme no tempo e no espaço. Em que época é passado?
- Em que lugares a obra foi filmada?
- Justifique suas opiniões.



Durante todo o filme, entre uma cena e outra, podemos notar um carro seguindo por diferentes paisagens. Qual a metáfora que é percebida por este recurso? Seria esta, a intenção do diretor? Discuta o assunto com os alunos.



As imagens do filme são alternadas em preto e branco e cenas coloridas. Analise o recurso e peça a interpretação de seus alunos.



No filme aparecem depoimentos de várias pessoas. Pergunte aos alunos se reconheceram algumas delas e quais são.

Forneça o nome dos entrevistados e um resumo do que eles disseram no filme. Proponha uma pesquisa na Internet. Os alunos deverão escolher um depoimento que os tenha impressionado, trazer a biografia do entrevistado e dados a respeito dele.



Hermeto Paschoal,
músico
**“Eu tô lá na cadeira,
vendo coisas
maravilhosas e todo
mundo achando
que eu não estou
vendo e enxergando
menos que eu.”**

★ 22/6/1936

Conhecido como “o bruxo” ou “o mago”, é considerado por boa parte dos músicos como um dos maiores gênios em atividade na música mundial. Poliinstrumentista é famoso por sua capacidade de extrair música boa de qualquer coisa, desde chaleiras e brinquedos de plástico até a fala das pessoas.

Hermeto nasceu em Arapiraca, no interior de Alagoas, e desde pequeno aprendeu a tocar flauta e sanfona. Aos 11 anos de idade já se apresentava em forrós e feiras na companhia do irmão.

Em 1950 a família se mudou para Recife e ele continuou se apresentando com o irmão na rádio. No final da década foi para o Rio de Janeiro, onde tocou em conjuntos regionais e na Rádio Mauá. Mais tarde transferiu-se para São Paulo, onde formou o grupo Som Quatro. Depois integrou o



Sambrasa Trio, ao lado de Airto Moreira (bateria) e Claiber (baixo).

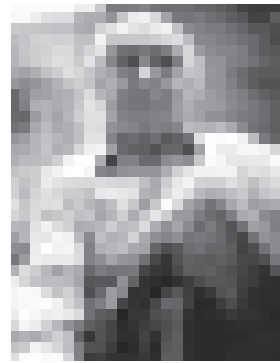
No final dos anos 60 começou a ganhar fama como pianista e flautista do Quarteto Novo, que lançou seu primeiro e único disco em 1967. Nesse LP figurava a primeira composição de Hermeto que foi gravada: “O Ovo”, que se tornou um clássico da música instrumental, assim como “Bebê”.

O Quarteto Novo surgiu como proposta de inovação musical, por misturar elementos legítimos nordestinos, como as levadas de baião e xaxado, e harmonias jazzísticas e contemporâneas.

No início da década de 70 foi aos Estados Unidos a convite de Airto Moreira e lá gravou com Miles Davis e num disco de Airto. De volta ao Brasil, gravou, com grande êxito, o LP “A Música Livre de Hermeto Pascoal”, onde apresenta temas seus e interpretações de clássicos como “Asa Branca” (Luiz Gonzaga) e “Carinhoso” (Pixinguinha).

Participou do Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, compôs peças sinfônicas, construiu instrumentos e gravou diversos discos por gravadoras diferentes. Excursiona frequentemente aos Estados Unidos e Europa, onde é muito popular, especialmente entre músicos.

Fonte: <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/hermeto-pascoal.asp>



José Saramago,
escritor português,
Prémio Nobel de
Literatura
**“Mas nós estamos
realmente cegos.
Cegos da razão, da
sensibilidade...”**

José Saramago, filho e neto de camponeses, nasceu na aldeia de Azinhaga na província do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, apesar de constar no registro oficial o dia 18. Mas esse não foi o único fato curioso dos primeiros anos de Saramago. Quando foi registrá-lo, seu pai pretendia que seu filho se chamasse apenas José da Silva, mas como seu apelido na aldeia era Saramago, a pessoa encarregada de registrá-lo deu ao filho o apelido do pai. Por isso José da Silva veio a chamar-se Saramago. A “brincadeira” foi descoberta quando a matrícula de José Saramago da Silva foi rejeitada porque este não tinha o mesmo nome do pai. O pai de Saramago teve, então, de mudar de nome (acrescentando Saramago) para que seu filho pudesse estudar.

Aos dois anos Saramago acompanhou a família a Lisboa, mas nunca distanciou-se definitivamente da aldeia de Azinhaga. Aos doze anos, por problemas econômicos, Saramago teve que transferir-se para uma escola técnica. Se aos onze anos Saramago ganhou seu primeiro livro de sua mão (O Mistério do Moinho), aos 18 era um frequentador assíduo, noturno, da Biblioteca do Palácio das Galveias, onde, sem nenhuma instrução, lê tudo que pode.

Até os 25 anos, quando publicou Terra do Pecado, seu primeiro romance, Saramago trabalhou como serralheiro, desenhista, funcionário da saúde e da previdência social. Terra do Pecado tinha por nome oficial, dado por Saramago, A Viúva, mas como editor o achou pouco comercial, decidiu mudá-lo. Ainda em 1949, Saramago escreveu





Clarabóia, que foi recusado pela editora (esse romance ainda permanece inédito até hoje).

Saramago só passa a se dedicar exclusivamente à literatura em 59, quando assume o lugar de Nataniel Costa como editor literário na Editorial Estúdio Cor. Daí até seu segundo livro publicado, Os Poemas Possíveis, são sete anos. Esse tempo todo de silêncio literário (de 1947 até 1966) Saramago atribui a não ter o que dizer.

Seu próximo livro, Provavelmente Alegria, sai em 1970, dois anos antes de ingressar no jornalismo. E dessa passagem pelos jornais A Capital e Jornal de Fundão nasce A Bagagem do Viajante, em 1973.

A mudança de Saramago começa a acontecer em 1975, quando é nomeado diretor-adjunto do Diário de Notícias. Neste mesmo ano é demitido do diário e toma a decisão que mudaria o curso de sua escrita: decidiu somente escrever. Nesse tempo, sua única fonte de renda fixa eram as traduções. No final do ano publica O Ano de 1993, até hoje seu último livro de poesias.

A partir dos 55 anos a produção literária de Saramago cresce assustadoramente, se comparada com o que ele escreveu até então (ver bibliografia). Mas é em 1980 que Saramago dá a maior guinada da sua vida literária, com a publicação de Levantado do Chão. Muitos críticos dizem que esse livro é o início do estilo saramaguiano (escrita barroca, longos parágrafos e uma forma diferente de construir os diálogos: Saramago elimina os travessões, que ele diz não haverem num diálogo comum, o que dá uma maior dinâmica ao texto.)

Em 1991, Saramago lançou aquela que seria a sua mais polêmica obra: O Evangelho Segundo Jesus Cristo. Em 92, o Evangelho foi indicado para concorrer ao Prêmio Literário Europeu, mas o governo português, mais precisamente Souza Lara, vetou a sua candidatura, dizendo que essa obra “não representa Portugal” e que desunia o povo português muito mais do que o unia.

Magoado com a censura da sua obra, Saramago resolveu deixar Portugal e se mudar para Lanzarote, nas ilhas Canárias, em 1993.

Todo o processo criativo de Saramago foi mundialmente reconhecido quando da entrega do Prêmio Nobel de Literatura, ganho por ele em 1998.

Fonte: <http://www.facom.ufba.br/com024/saramago/sobre.htm>

Antônio Cícero, poeta

“A janela não olha. Quem olha é o olho, através da janela”

Antonio Cicero é carioca e mora no Rio de Janeiro. Suas atividades públicas se repartem entre os domínios da poesia e os da filosofia.

Embora Antonio Cicero escreva poesia desde a adolescência, essa produção não começou a aparecer em periódicos ou livros mas sim na forma de letras de canções, quando poemas seus foram musicados por sua irmã, Marina Lima, que, ao fazê-lo, dava início à sua própria carreira de compositora e cantora. A partir desse momento, além de continuar a escrever poemas destinados a serem lidos -- muitos dos quais acabaram sendo publicados em periódicos -- passou também a escrever poemas feitos para constituírem as letras das melodias que logo passou a receber, inicialmente de Marina mas logo também de novos parceiros (entre os quais figuram Lulu Santos, Adriana Calcanhoto, Orlando Moraes e João Bosco, por exemplo).

Em 1996, Antonio Cicero reuniu seus próprios poemas prediletos no livro Guardar, que teve excelente fortuna crítica e foi vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura, na categoria Estreante. Em 1997, publicou o disco Antonio Cicero por Antonio Cicero (ed. Luz da Cidade), em que recita poemas de sua autoria. Poemas seus constam da antologia bilíngüe Outras praias / Other Shores (ed. Iluminuras, 1998, organizada por Rodrigo Garcia Lopes), da antologia Esses poetas (ed.



Aeroplano, 1999, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda), da antologia 41 poetas do Rio (ed. Funarte, 1999, organizada por Moacyr Félix), e da coletânea de textos Poesia hoje (ed. Universidade Federal Fluminense, 1999, organizada por Célia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento).

Antonio Cicero estudou filosofia no Instituto de Filosofia da UFRJ, no University College London, em Londres, e na Georgetown University, em Washington D.C.. De volta ao Brasil, lecionou filosofia e lógica em diversas instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Estácio de Sá e a Faculdade da Cidade. Em 1991 foi, junto com Alex Varella, Coordenador de Estética e Teoria das Artes no Galpão das Artes do MAM, onde ministrou diversos cursos e pronunciou inúmeras palestras. Em 1992, a convite da Fundação Antoni Tàpies, fez uma palestra nessa instituição, em Barcelona, por ocasião da inauguração da exposição retrospectiva da obra de Hélio Oiticica. Em 1993, concebeu a organização de uma série de ciclos de conferências que reunissem grandes pensadores e artistas em torno de alguns dos temas decisivos deste final de século. Sob a orientação dele e de Waly Salomão, três desses ciclos foram realizados, parte no Rio de Janeiro, parte em São Paulo, reunindo poetas do calibre de João Cabral de Mello Neto, John Ashbery, Haroldo de Campos, Derek Walcott e Joan Brossa, artistas como os diretores Peter Sellars, José Celso Martinez Correa e Arnaldo Jabor, e pensadores como Richard Rorty, José Arthur Giannotti, Ernest Gellner, Darcy Ribeiro, Peter Sloterdijk, Hans-Magnus Enzensberger e Tzvetan Todorov, entre outros.

Em 1994, Antonio Cicero e Waly Salomão organizaram o livro *O relativismo enquanto visão do mundo* (ed. Francisco Alves), que reuniu as contribuições referentes a um desses ciclos. No mesmo ano, participou da Bienal Internacional do Livro, de Frankfurt, a convite do Ministério da Cultura, tendo pronunciado na Literaturhaus uma conferência sobre a cultura brasileira. Em 1995,

publicou o ensaio filosófico de sua autoria *O mundo desde o fim* (ed. Francisco Alves), que discute o conceito de modernidade. Em 1998, publicou, na coletânea organizada por Alberto Pucheu intitulada *Poesia (e) filosofia* (ed. Sete Letras), o ensaio “Epos e muthos em Homero”, parte de uma obra mais extensa, ainda inédita, consagrada à poesia grega arcaica. Atualmente dedica-se a escrever poemas e ensaios, além de ocasionalmente fazer leituras e palestras em instituições tais como o MAM do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Centro Cultural Banco do Brasil, bem como noutros estados do Brasil.

<http://www.geocities.com/SunsetStrip/Studio/8404/abertura.html>



Wim Wenders,
cineasta alemão
**“Felizmente
a maioria das
pessoas consegue
ver com os ouvidos,
ouvir e ver com
o cérebro, o
estômago, a alma.”**

Nascido em 14 de agosto de 1945, Wilhelm Ernest Wenders, mais conhecido como Wim Wenders. É estranho imaginar o diretor como cinquentão, da mesma maneira que é difícil pensar em um roqueiro aposentado. Esta imagem inquieta está diretamente ligada aos seus filmes, nos quais a vida tem sempre uma grande dose de questionamento. Isso fez dele o mais internacional dos cineastas do Novo Cinema Alemão, “pai” de personagens em constante crise existencial e de trajetória incerta.

Antes de se dedicar ao cinema, Wenders, nascido em Düsseldorf, estudou filosofia e medicina na Universidade de Freiburg, também na Alemanha. Logo desistiu dos sofismas e laboratórios para investigar o ser humano através das películas, entrando para a Hochschule für Film und Fernsehen





(Escola Superior de Cinema e Televisão), de Munique. Entre 1967 e 1970, conciliou o curso com viagens a Paris, onde estudou pintura. Desde criança, Wenders se interessa por outras culturas e vaga por vários países.

Seu primeiro longa-metragem profissional foi O Medo do Goleiro Diante do Pênalti / Die Angst des Tormanns Beim Elfmeter (1971). O filme se baseia em novela de Peter Handke, amigo do diretor, que colaborou posteriormente nos filmes Movimento em Falso/Falsche Bewegung (1975) e Asas do Desejo/Wings of Desire (1988). Com Alice nas Cidades/Alice in den Staedten (1973), Wenders começa a se projetar e entra no mundo dos road movies, com personagens que trocam de geografia procurando respostas para seus conflitos.

Com O Amigo Americano/Der Americanische Freund (1977), adaptação de uma novela da escritora Patricia Highsmith, o cineasta ganha fama internacional. O filme é um dos mais significativos da trajetória do cineasta, mostrando a associação e o confronto entre um alemão e um americano. Em 1982, Wenders segue o inevitável caminho rumo a Hollywood e dirige Hammet, O Falcão Maltês/Hammet, para a produtora Zoetrope, do diretor Francis Ford Coppola. A experiência não é das mais satisfatórias para Wenders, que nas folgas rodou O Estado das Coisas/Der Stand der Dinge (1982), em Lisboa.

Apesar de ter se tornado parte da indústria cinematográfica, ele sempre procurou fazer um cinema de autor, como nos tempos da nouvelle vague, o que às vezes lhe valeu o rótulo de ingênuo. Com Paris, Texas (1984), ele fez seu trabalho mais popular e ganhou a Palma de Ouro em Cannes. O filme é uma combinação de boas escolhas, a começar pelo elenco, que traz Nastassja Kinski em sua melhor forma. Em 1987, Wenders finalizou o poético Asas do Desejo, sobre anjos que observam a desordem afetiva e material dos habitantes de Berlim. No filme, Wenders derrubou não o muro que separou as duas

Alemanhas, mas procurou uma espécie de língua comum para uma certa ordem celestial e o mundo terrestre. Depois, fez a continuação da história: Tão Longe, Tão Perto / Yin Weiter Ferne, So Nah! (1993). Com Até o fim do Mundo / Until The End of the World (1991), Wenders realizou um projeto de muitos anos, mas não foi bem recebido pela crítica, partindo depois para O Céu de Lisboa/Lisbon Story (1995), quando escrevia o roteiro à noite, junto com a mulher, Donata, e rodava no dia seguinte. Feito em Portugal, o filme retoma o fascínio de Wenders por Lisboa e tem uma certa indefinição de proposta.

Em seguida, junto com Michelangelo Antonioni, Wenders participou das filmagens de Além das Nuvens, mas diz que não se sente autor do filme. Retornou a Hollywood para fazer The End of Violence, que detona com o estilo explosivo de cineastas como Quentin Tarantino. Wenders envelhece, mas não deixa de acreditar no futuro. Seus próximos projetos incluem: Million Dollar Hotel, The e Buena Vista Social Club - Buena Vista Social Club.

Marieta Severo, atriz

“Você está no olho do outro”

Marieta Severo da Costa nasceu no Rio de Janeiro, no dia 2 de novembro de 1946. Sua estréia no cinema aconteceu aos 18 anos no filme “Society em Baby-Doll”(65), de Luiz Carlos Maciel e Waldemar Lima.

Em 1994, a atriz viveu Carlota Joaquina, no filme de Carla Camurati, e tornou-se um dos grandes nomes da retomada do cinema nacional, cuja produção sofreu um forte abalo durante o governo Collor. “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” é considerado um marco na nova fase da produção brasileira.

Em sua filmografia, há personagens dos mais diversos, o que inclui até uma bruxa, a Losângela, do infantil “Castelo Rá-Tim-Bum - O Filme” (99),





de Cao Hamburger. Esta carreira diversificada lhe rendeu uma homenagem no Festival de Gramado de 2002, onde ela recebeu o prêmio Oscarito.

Recentemente, além de viver Dona Nenê, a mãezona do seriado de TV “A Grande Família”, Marieta Severo viveu uma mãe que busca por vingança em “As Três Marias” (02), de Aluísio Abranches, e ainda outra mãe de destaque: a de Cazuzu, Lucinha Araújo, em “Cazuzu - O Tempo Não Pára”(04), de Sandra Werneck e Walter Carvalho.

João Ubaldo Ribeiro, escritor

Nascido na Bahia, quando tem dois meses de idade a família muda-se para Aracaju (Sergipe) onde passa parte da infância. Seu pai, afro-brasileiro, advogado de renome na capital baiana, vem a ser o fundador e diretor do curso de Direito da Universidade Católica do Salvador.

Paralelamente a seus estudos de Direito e pós-graduação em Administração Pública, na Universidade Federal da Bahia, edita, juntamente com Glauber Rocha, revistas e jornais culturais e participa do movimento estudantil.

Viveu nos Estados Unidos da América (como estudante e, posteriormente, como professor convidado), em Portugal (editando em parceria com o jornalista Tarso de Castro a revista Careta) e na Alemanha (publicando crônicas semanais para o jornal Frankfurter Rundschau, além de produzir peças para o rádio).

Volta a residir no Rio de Janeiro em 1991 e, em 1994, é eleito para a Academia Brasileira de Letras. Participa no mesmo ano da Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha, recebendo o Prêmio Anna Seghers, concedido somente a escritores alemães e latino-americanos.

Casou-se três vezes: com Maria Beatriz Moreira Caldas em 1960, Mônica Maria Roters em 1969, e Berenice Batella em 1980 - tendo dois filhos com

Mônica e dois com Berenice.

É detentor da cátedra de Poetik Dozentur (Docente em poesia) na Universidade de Tübingen, Alemanha.

Seus principais romances são Sargento Getúlio, Viva o Povo Brasileiro e O Sorriso do Lagarto, onde expressa com bastante vivacidade e imaginação exuberante aspectos políticos e sociais da vida nordestina e brasileira como um todo.

Walter Lima Jr, cineasta

“Eu acho que é isso, a beleza: simples.”

Nome Completo: Walter Lima Junior

Natural de: Niterói, RJ, Brasil

Nascimento: 26 de novembro de 1938

Walter Lima Junior (Niterói, 26 de novembro de 1938) é um cineasta brasileiro e advogado formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Também atuou na direção de diversos documentários para a televisão brasileira.



Dr. Oliver Sacks,

neurologista e escritor inglês

“O ato de ver, de olhar, não é só olhar lá fora. Não é só o olhar para o visível, mas também para o invisível. De certa

forma é isso que chamamos de imaginação.”

Oliver Sacks nasceu em 1933 em Londres, Inglaterra. Seus pais eram médicos e se diplomaram na faculdade Queen’s College, em Oxford. No início dos anos 60, se mudou para os Estados Unidos e completou um estágio em São Francisco e uma residência em neurologia na UCLA. Vive em Nova York desde 1965, onde é professor clínico em





neurologia na faculdade de medicina Albert Einstein, professor do adjunto em neurologia na escola de medicina da NYU e consultor em neurologia na instituição Little Sisters of the Poor.

Em 1966 o Dr. Sacks começou a trabalhar como um neurologista clinicando no hospital de Beth Abraham, um centro de cuidados crônicos no Bronx. Lá encontrou um grupo extraordinário de pacientes, muitos tendo passado décadas em estados peculiares, congelados, como estátuas humanas, incapazes de realizar movimentos. Definiu estes pacientes como sobreviventes do grande mal da doença do sono, que tinha varrido o mundo de 1916 a 1927, e os tratou com uma droga então experimental, o L-dopa, que lhes permitiu voltar à vida. Eles tornaram-se o tema de seu segundo livro, *Awakenings* (1973), que inspirou mais tarde uma peça de Harold Pinter (“A kind of Alaska”) e o filme indicado ao Oscar “Awakenings”/ Insônia, com Robert De Niro e Robin Williams.

O Dr. Sacks é mais conhecido por sua coleção de casos escrita em 1985 sobre histórias distantes da experiência neurológica, “The Man Who Mistook His Wife for a hat” (O homem que confundiu sua esposa com um chapéu), em que descreve os pacientes que se esforçam para viver com as circunstâncias que variam entre a síndrome de Tourette, autismo, mal de parkinson, alucinação musical, esquizofrenia, retardo mental e mal de Alzheimer. (Este livro inspirou mais tarde um trabalho dramático de Peter Brook, “L’Homme Qui”/ O homem que.)

Manoel de Barros, poeta

“O olho vê a lembrança. A transfiguração é a coisa mais importante para o artista”

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá (MT) no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, em 19 de dezembro de 1916, filho de João Wenceslau Barros, capataz com influência naquela região. Mudou-se para Corumbá (MS),

onde se fixou de tal forma que chegou a ser considerado corumbaense. Atualmente mora em Campo Grande (MS). É advogado, fazendeiro e poeta.

Tinha um ano de idade quando o pai decidiu fundar a fazenda com a família no Pantanal: construir rancho, cercar terras, amansar gado selvagem. Nequinho, como era chamado carinhosamente pelos familiares, cresceu brincando no terreiro em frente à casa, pé no chão, entre os currais e as coisas “desimportantes” que marcariam sua obra para sempre. “Ali o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhão das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno.”

Com oito anos foi para o colégio interno em Campo Grande, e depois no Rio de Janeiro. Não gostava de estudar até descobrir os livros do padre Antônio Vieira: “A frase para ele era mais importante que a verdade, mais importante que a sua própria fé. O que importava era a estética, o alcance plástico. Foi quando percebi que o poeta não tem compromisso com a verdade, mas com a verossimilhança.” Um bom exemplo disso está num verso de Manoel que afirma que “a quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso.” E quem pode garantir que não é? “Descobri que servia era pra aquilo: Ter orgasmo com as palavras.” Dez anos de internato lhe ensinaram a disciplina; e os clássicos, a rebeldia da escrita.

Mas o sentido total de liberdade veio com “Une Saison en Enfer” de Arthur Rimbaud (1854-1871), logo que deixou o colégio. Foi quando soube que o poeta podia misturar todos os sentidos. Conheceu pessoas engajadas na política, leu Marx e entrou para a Juventude Comunista. Seu primeiro livro, aos 18 anos, não foi publicado, mas salvou-o da prisão. Havia pichado “Viva o comunismo” numa estátua, e a polícia foi buscá-lo na pensão onde morava. A dona da pensão pediu para não levar o menino, que havia até escrito um livro. O policial pediu para ver, e viu o título:





“Nossa Senhora de Minha Escuridão”. Deixou o menino e levou a brochura, único exemplar que o poeta perdeu para ganhar a liberdade.

Quando seu líder Luiz Carlos Prestes foi solto, depois de dez anos de prisão, Manoel esperava que ele tomasse uma atitude contra o que os jornais comunistas chamavam de “o governo assassino de Getúlio Vargas.” Foi, ansioso, ouvi-lo no Largo do Machado, no Rio. E nunca mais se esqueceu: “Quando escutei o discurso apoiando Getúlio — o mesmo Getúlio que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas — não agüentei. Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal”.

Mas a idéia de lá se fixar e se tornar fazendeiro ainda não havia se consolidado no poeta. Seu pai quis lhe arranjar um cartório, mas ele preferiu passar uns tempos na Bolívia e no Peru, “tomando pinga de milho”. De lá foi direto para Nova York, onde morou um ano. Fez curso sobre cinema e sobre pintura no Museu de Arte Moderna. Pintores como Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh, Braque reforçavam seu sentido de liberdade. Entendeu então que a arte moderna veio resgatar a diferença, permitindo que “uma árvore não seja mais apenas um retrato fiel da natureza: pode ser fustigada por vendavais ou exuberante como um sorriso de noiva” e percebeu que “os delírios são reais em Guernica, de Picasso”. Sua poesia já se alimentava de imagens, de quadros e de filmes. Chaplin o encanta por sua despreocupação com a linearidade. Para Manoel, os poetas da imagem são Federico Fellini, Akira Kurosawa, Luis Buñuel (“no qual as evidências não interessam”) e, entre os mais novos, o americano Jim Jarmusch. Até hoje se confessa um “...’vedor’ de cinema. Mas numa tela grande, sala escura e gente quieta do meu lado”.

Voltando ao Brasil, o advogado Manoel de Barros conheceu a mineira Stella no Rio de Janeiro e se casaram em três meses. No começo do namoro a família dela — mineira — se preocupou com

aquele rapaz cabeludo que vivia com um casaco enorme trazido de Nova York e que sempre se esquecia de trazer dinheiro no bolso. Mas, naquela época, Stella já entendia a falta de senso prático do noivo poeta. Por isso, até hoje Manoel a chama de “guia de cego”. Stella o desmente: “Ele sempre administrou muito bem o que recebeu.” E continuam apaixonados, morando em Campo Grande (MS). Têm três filhos, Pedro, João e Marta (que fez a ilustração da capa da 2a. edição do “Livro das pré-coisas”) e sete netos.

Escreveu seu primeiro poema aos 19 anos, mas sua revelação poética ocorreu aos 13 anos de idade quando ainda estudava no Colégio São José dos Irmãos Maristas, no Rio de Janeiro, cidade onde residiu até terminar seu curso de Direito, em 1949. Como já foi dito, mais tarde tornou-se fazendeiro e assumiu de vez o Pantanal.

Seu primeiro livro foi publicado no Rio de Janeiro, há mais de sessenta anos, e se chamou “Poemas concebidos sem pecado”. Foi feito artesanalmente por 20 amigos, numa tiragem de 20 exemplares e mais um, que ficou com ele.

Nos anos 80, Millôr Fernandes começou a mostrar ao público, em suas colunas nas revistas Veja e Isto é e no Jornal do Brasil, a poesia de Manoel de Barros. Outros fizeram o mesmo: Fausto Wolff, Antônio Houaiss, entre eles. Os intelectuais iniciaram, através de tanta recomendação, o conhecimento dos poemas que a Editora Civilização Brasileira publicou, em quase a sua totalidade, sob o título de “Gramática expositiva do chão”.

Hoje o poeta é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos mais originais do século e mais importantes do Brasil. Guimarães Rosa, que fez a maior revolução na prosa brasileira, comparou os textos de Manoel a um “doce de coco”. Foi também comparado a São Francisco de Assis pelo filólogo Antonio Houaiss, “na humildade diante das coisas. (...) Sob a aparência surrealista, a poesia de Manoel de Barros é de uma enorme



racionalidade. Suas visões, oníricas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor.” Segundo o escritor João Antônio, a poesia de Manoel vai além: “Tem a força de um estampido em surdina. Carrega a alegria do choro.” Millôr Fernandes afirmou que a obra do poeta é “única, inaugural, apogeu do chão.” E Geraldo Carneiro afirma: “Viva Manoel violer d’amores violador da última flor do Lácio inculca e bela. Desde Guimarães Rosa a nossa língua não se submete a tamanha instabilidade semântica”. Manoel, o tímido Nequinho, se diz encabulado com os elogios que “agradam seu coração”.

O poeta foi agraciado com o “Prêmio Orlando Dantas” em 1960, conferido pela Academia Brasileira de Letras ao livro “Compêndio para uso dos pássaros”. Em 1969 recebeu o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal pela obra “Gramática expositiva do chão” e, em 1997, o “Livro sobre nada” recebeu o Prêmio Nestlé, de âmbito nacional. Em 1998, recebeu o Prêmio Cecília Meireles (literatura/poesia), concedido pelo Ministério da Cultura.

Arnaldo Godoy, vereador

“Eu sonho com imagens. Sonho normal, como você sonha.”

Arnaldo Godoy nasceu no Rio de Janeiro, em junho de 1951, mas veio para BH ainda criança. É professor de História, graduado pela UFMG, e professor licenciado do Instituto São Rafael. É membro do Conselho Municipal de Pessoas Portadoras de Deficiência e do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico. Está no terceiro mandato como vereador (1993/1996, 2000/2004 e de 2005 em diante).

Ajudou a fundar o SIND-UTE e o PT de Minas Gerais e é membro da Sociedade de Amigos do Teatro Marília, dos Amigos do Arquivo Público

Municipal e dos Amigos do Museu Histórico Abílio Barreto, do qual foi diretor em 1997 e 1998.

Um convite do então prefeito Célio de Castro o levou ao cargo de secretário de Cultura de Belo Horizonte, no qual permaneceu do início de 1999 até março de 2000. Sua experiência no Executivo deixou um grande saldo cultural para BH, solidificando a política de internacionalização da cidade e implementando a descentralização cultural, além da ampliação e melhoria dos aparelhos públicos (foi em sua gestão que a prefeitura adquiriu a sede própria do Arquivo Público de BH, construiu o Anexo do Museu Histórico Abílio Barreto e o galpão do Centro Cultural Lagoa do Nado, além de transferir a secretaria para o Edifício Chagas Dória, imóvel tombado pelo patrimônio). Registrou um depoimento tocante no documentário “Janela da Alma”, de João Jardim e Walter Carvalho*.

No último pleito, Arnaldo Godoy recebeu 9.289 votos em reconhecimento ao seu trabalho nas áreas de cultura, juventude, educação, meio ambiente e nas políticas sociais. Atualmente, é presidente da Comissão de Orçamento e Finanças Públicas da Câmara Municipal de BH, na qual também exerce a coordenação da Frente Parlamentar de Juventude.

Marjut Rimminen,

cinasta e animadora finlandesa

“Mas eu estava decidida a não fracassar. ... a transformar estas cinzas numa jóia.”

Marjut, a animadora mais conhecida da Finlândia, foi convidada a fazer parte do Centro de Animação Halas & Batchelor, no Reino Unido, depois que seu primeiro comercial Vivante Bubble Bath recebeu o prêmio de Melhor Comercial do Ano em 1972 no Festival Mundial de Animação de Zagreb.

Desde então, ela dirigiu muitos outros comerciais premiados, dentre eles comerciais para a televisão finlandesa e curta metragens para o Channel 4.



Reconhecidos por sua estética ingênua, seus filmes são exibidos em festivais em todo o mundo e várias retrospectivas internacionais transmitiram seu trabalho.

Marjut fez parte de júris de vários festivais de cinema e dá aulas de mestrado e workshops em vários países. Além de lecionar na NTFS, ela é professora convidada no Royal College of Art e no Surrey Institute of Art & Design.



Agnes Varda,
cineasta belga
**“Mais uma vez, a
visão é alterada
por sentimentos.
Sentimentos fortes”**

Nascida em Bruxelas,
Bélgica, Agnès Varda
, 78 anos, é um dos

mais importantes nomes do cinema francês no último século e continua em plena atividade.

Agnès Varda começou trabalhando com fotografia. Tornou-se uma fotojornalista de respeito nos anos 1950, chegando a ser a fotógrafa oficial do Théâtre National Populaire.

O trabalho com a imagem e o espírito de documentarista fizeram com que ela seguisse um caminho natural até o cinema, entendendo-o como forma de registrar em movimento pessoas e lugares. *Le pointe courte* (1954), seu primeiro filme, já transita entre ficção e documentário. Foi filmado em um povoado de pescadores, registrando o cotidiano daquelas pessoas. O filme foi bem recebido pela crítica francesa, em especial por Jean-Luc Godard e François Truffaut, os redatores dos Cahiers du cinema que logo depois passariam para a prática cinematográfica, formando a dupla de frente mais famosa da Nouvelle Vague. Por conta desse respeito e desse pioneirismo, Varda é entendida como uma antecessora do espírito da nouvelle vague.



“Estamos num mundo que se chama audiovisual... Estamos na Caverna de Platão.”

Assim, José Saramago comenta a posição das pessoas atualmente, diante dos fatos.

Traga o texto do mito para que leiam e comentem por escrito.

O Mito da Caverna de Platão

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para a frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são





sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda a luminosidade possível é a que reina na caverna.

Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol, e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los.

Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam fazê-lo espantando-o e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo.

Extraído do livro “Convite à Filosofia” de Marilena Chaui.

<http://www.cfh.ufsc.br/~pduarte/caverna.html>
<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/caverna2.htm>

6

“O excesso de imagens hoje significa, basicamente, que nós não conseguimos prestar atenção. Não conseguimos mais nos emocionar com as imagens. Hoje as histórias têm que ser fantásticas para nos emocionar, pois não conseguimos mais ver histórias simples.”

A frase de Win Wenders comenta as produções cinematográficas que são sucesso de público e que apresentam muita ação, efeitos visuais e pouco conteúdo. Peça aos alunos que façam uma relação dos últimos filmes a que assistiram e comentem cada um, relacionando-o ao comentário do cineasta.

7

“Mas vocês não vêem corretamente, vocês são cegos. Pois hoje vivemos num mundo de cegos. As imagens são propostas pela televisão, imagens prontas”.

–“As pessoas não sabem mais ver, pois não têm mais olhar interior. Vive-se um tipo de cegueira generalizada”

As frases são ditas no filme por um cego, Eugen Bavcar. Ele afirma que cegos são os outros, à maneira de Sartre, que diz; “O inferno são os outros”. Assim, nos dá a idéia de sua grande solidão, não em virtude da cegueira, mas por não encontrar pessoas que como ele, se apóiam na visão interior para perceber o que se passa a sua volta. Peça que analisem o texto de Sartre, na peça Entre quatro paredes, procurando pontos em comum com a afirmativa.





8

“Me lembro quando eu era mais moço, eu perguntava aos meninos:– Está vendo uma moça bonita? E eu me apaixonava por uma moça que só agradava aos meus amigos. Agora, prefiro olhar por mim mesmo. Isso é importante. Não se deve falar a língua dos outros, usar o olhar dos outros, pois assim existimos através dos outros. É preciso existir através de si mesmo”

Peça que reflitam sobre o grau de dificuldade que existe em seguir o conselho de Eugen Bavcar. Como será romper com os códigos de seu grupo social e construir uma existência que siga apenas os seus princípios e crenças? Peça que escrevam um texto de ficção onde o personagem principal consegue existir apenas através de si mesmo.

9

“Vergonha é uma forma de medo.”

Peça que partam desta afirmativa para um ensaio a respeito, onde o assunto deverá ser aprofundado e exemplificado.

10

O incômodo nos faz pensar, procurar coisas. A maioria das descobertas nasce da insatisfação e da necessidade. Peça que pesquisem na Internet, algumas invenções e soluções que foram criadas para resolver um problema individual e que mais tarde se

mostraram úteis para toda a humanidade. Exemplo: Estudante quer se comunicar com outros na universidade e cria a Internet.

11

“Quando a gente é criança pode realmente ler nas entrelinhas. E com imaginação acrescentar tudo. Nossa imaginação completa as palavras.”

O comentário de Win Wenders realça o não dito, o pressentido, o imaginado. E lembra que é a partir disso que nos ocorrem, na infância, os grandes sonhos imaginários. Com o passar do tempo, deixamos de perceber as entrelinhas ou a vida se torna essencialmente lógica? Deixe que reflitam e pensem em que momento da vida, a fantasia se afastou dos seus pensamentos.

12

Peça que a turma analise as diferenças entre os depoimentos de Arnaldo Godoy e Marjut Rimminen. O que puderam concluir da análise destes relatos? Peça que construam uma tabela em que sejam colocados os dados referentes a cada um (atividade profissional, infância, idade aproximada, sexo, país de origem, família etc) e que acrescentem comentários referentes a esses itens que reflitam a análise das diferenças.



13

As filhas de Arnaldo aprenderam a comer sozinhas, a falar mais rápido e a ler para ler para ele. A dificuldade ensina, como diz o ditado? Proponha a construção de um texto confessional em que relatem situações de vida onde a necessidade lhes ensinou ou facilitou o aprendizado.

14

Marjuit conta que o pior foi ter operado com sucesso a sua vista e ninguém ter reparado a diferença. Ela chama isso de lesão interna. Como interpretam essa declaração? Peça que escrevam a respeito disto.

15

“Este ponto aqui é onde a gente enxerga. Onde se escuta é aqui, na nuca. Terceiro olho, visão interior.”

A declaração de Hermeto coincide com algumas teorias orientais, como a yoga, onde a porta da percepção é o terceiro olho. Proponha uma pesquisa a respeito do assunto.

16

No filme, a maioria dos entrevistados é ligada ao cinema. Um filme é a visão do cineasta sobre um tema. Escolha um assunto e imagine como faria um filme a respeito.

17

“Mas estamos realmente cegos. Cegos da razão, da sensibilidade, de tudo aquilo que faz de nós, não um ser razoavelmente funcional no sentido da relação humana, mas ao contrário, um ser agressivo, egoísta, um ser irracional. E o espetáculo que o mundo nos mostra é precisamente este. Um mundo de desigualdade, um mundo de sofrimento sem justificação.”

O desabafo de José Saramago reflete sua insatisfação com a humanidade atual. Peça que relacionem eventos recentes que justificam a afirmativa.





18

“Assim não corro o risco de me afogar, como o infeliz Narciso.” O fotógrafo Eugene vê mais uma vantagem em sua cegueira. Como não pode olhar-se no espelho, não corre o risco de repetir a lenda de Narciso.

Distribua a lenda para os alunos e peça que a leiam e reflitam. Peça que tragam um espelho na aula seguinte e que façam, por escrito, um exercício de narcisismo. Todos deverão se olhar no espelho com simpatia e depois escrever um texto sobre suas qualidades, explicando a razão por estarem apaixonados por aquela pessoa que apareceu no espelho.

A lenda de Narciso

A lenda de Narciso, surgida provavelmente da superstição grega segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte, possui um simbolismo que fez dela uma das mais duradouras da mitologia grega. Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. Indiferente aos sentimentos alheios, Narciso desprezou o amor da ninfa Eco - segundo outras fontes, do jovem Amantis - e seu egoísmo provocou o castigo dos deuses. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se. A flor conhecida pelo nome de Narciso nasceu, então, no lugar onde morrera. Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente. Foi, no entanto, a versão tradicional, reproduzida no essencial por Ovídio em *Metamorfoses*, que se transmitiu à cultura ocidental por intermédio dos autores renascentistas. Na psiquiatria e

particularmente na psicanálise, o termo narcisismo designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

Diferentes versões da história dizem que Narciso, após desdenhar os seus pretendentes masculinos, foi amaldiçoado pelos deuses para amar o primeiro homem em que pousasse os olhos. Enquanto caminhava pelos jardins de Eco, descobriu a lagoa de Eco e viu o seu reflexo na água. Apaixonando-se profundamente por si próprio, inclinou-se cada vez mais para o seu reflexo na água, acabando por cair na lagoa e se afogar.

19

“A palavra é cega.” A partir dessa afirmativa, ofereça uma lista de substantivos para que complementem, com sua visão, cada um. Ex. mar, mulher, mãos etc

20

“A maioria das imagens que vemos tenta nos vender alguma coisa.”

Proponha que, no trajeto que farão na saída da escola, relacionem ou fotografem as imagens de propaganda que encontrarem pelo caminho.



21

“Eu não poderia ler 500 jornais. Impossível! Que conclusões tiro eu da leitura de 500 jornais? Nem eu tenho tempo, nem teria proveito nenhum.”

A declaração de José Saramago tem relação com a estúpida quantidade de informações a que temos acesso atualmente e convida a uma reflexão a respeito de sua validade. Peça que analisem os diversos meios de informação (jornais, TV, Internet, livros etc) e façam uma análise em relação à quantidade, qualidade e interiorização das informações.



22



O filme termina com a emocionante chegada de Gabriel e seu primeiro olhar para o mundo. Gabriel demora para abrir sua “janela” e, como sabemos, ele não vê muita coisa.

Forneça dados a respeito da visão do recém-nascido e peça que relacionem a algumas cenas, pedindo que interpretem o significado da cena no contexto do filme.

O recém-nascido apenas percebe luz e vultos, os quais ainda não sabe interpretar. Assim como ele não sabe falar e andar, também não sabe ver. Com o passar dos meses, se estiver tudo em ordem com seus olhos, irá desenvolvendo progressivamente sua visão. Ao redor de cinco anos de idade, na maioria das crianças, a visão será igual à do adulto.

http://www.cbo.com.br/pacientes/duvidas/duvidas_visao_e_infancia.htm